

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 1689

Data: 17.04.90

Pg.: _____

*Arquiteto denuncia
1970
corte de araucárias*

A Fundação Nacional do Índio (Funai) está participando da devastação de uma das maiores reservas de araucária do mundo, com cerca de 180 mil pinheiros nativos, localizada nos municípios de Coronel Vivida e Chopinzinho, vizinhos da Reserva Indígena de Mangueirinha, no Paraná. Essa denúncia foi feita pelo arquiteto Israel Marques Cajai, que disputa com a Funai uma área em litígio nessa região, de cerca de 1.800 alqueires. Segundo ele, a Funai tem adotado a política de invadir as propriedades vizinhas para comercializar ilegalmente madeira.

Cajai afirma que a reserva da Funai na região, de 6.766 alqueires, já está completamente devastada. Por causa disso, assegura, ela agora estaria destruindo a vegetação de áreas vizinhas. Além das terras de propriedade do arquiteto (adquiridas através de um inventário há dois anos), o grupo comercial Slaviero também disputa ali uma área de 2.900 alqueires com a Funai. O superintendente adjunto da Funai da Região Sul, Henrique Trompczynski, no entanto, acusa Cajai de ser "testa-de-ferro" do grupo Slaviero. De acordo com ele, o arquiteto teria se voltado contra a Funai somente depois de ser impedido pelo órgão de promover o corte de mais de 50 mil árvores na região.

O arquiteto pretendia fazer um programa de manejo de pinheiros nessas terras. O extinto IBDF, atual Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) aprovou o plano, que previa o corte de cerca de 52 mil árvores. "A Funai solicitou o cancelamento desse programa, pois a área estava em litígio", explica Trompczynski. "Mesmo que não estivesse, somente um falso ecologista poderia pensar em eliminar toda essa vegetação", comenta.

O superintendente do Ibama no Paraná, Nilton Melquiades,

por sua vez, acha que a área em questão deveria ser transformada em parque nacional, sem uma única araucária cortada. Ele nega que as madeiras contem com a conviência do Ibama, conforme acusa o arquiteto Cajai. Segundo Melquiades, três empresas que teriam supostamente invadido a região já foram multadas por emitir notas fiscais sem mencionar a procedência da madeira. O superintendente admite, porém, que o engenheiro Jair Comin, chefe do posto fiscal do Ibama em Pato Branco, recebeu dinheiro para facilitar a saída de madeira. Comin foi demitido do Ibama no ano passado.

"Diariamente saem mais de 30 caminhões carregados de madeira da área", afirma Cajai. Melquiades diz não ter conhecimento desse fato. Segundo ele, o Ibama enviou, há 20 dias, 14 técnicos para investigar o caso. "Infelizmente a Funai tem apenas oito funcionários numa reserva de 400 índios", diz Nilton Melquiades.



Marcos Fernandes/AE

Cajai: a culpa é da Funai